S. PAULO (BRASIL) — Sabbado, 25 de maio de 1912 — ANNO XI — N. 140

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio.

O PROPHETA JULIO

A promessa formal que Jesus Christo fez de vir ao mundo segunda vez

A HORA E' CHEGADA!

O padre dr. Julio Maria tem sobre si attrahidas neste momento ás attenções do Rio de Janeiro, do Brasil e tambem do mundo inteiro.

O assumpto principal de todas as conversações é a boa nova que a sua autorizada palavra acaba de lançar do alto do pulpito da matriz da Gloria annunciando a volta, desta vez não adiada, do Salvador do mundo.

As suas conferencias ali realizadas têm sido uma affirmação categorica de que os tempos são chegados — e que grandes coisas vão acontecer em breve. Portanto, quem tem ouvido para ouvir ouça.

Fala o propheta:

«Do que valem os sabios estudarem estrellas e cometas e affirmarem a existencia do mundo por milhares de annos, quando Deus prometteu a sua vinda! Foi a inspiração dos apostolos, é tambem uma inspiração de um padre brasileiro, como tem sido de grandes homens!»

«Temos promessa de que vai apparecer!»

Pela parte que me toca, fico muitissimo agradecido á s. reverendissima de me ter prevenido com antecedencia, porque vou tratar, para quando as trombetas celestes soarem, quanto antes, dos preparativos, como soldado em vesperas de parada, para me apresentar, correcto e escovado, diante do senhor insophismavel de todas as coisas.

Não seria nada agradavel para mim ser lançado, por toda eternidade, no lago de fogo e enxofre, segundo se lê no Apocalypse de S. João, como será feito dos medrosos e incredulos, dos fornicarios e dos feiticeiros (os espiritas comprehendidos), dos abominaveis e dos homicidas (cuidado, padre Faustino!), dos idolatras e de todos os mentirosos!

Ainda ha incredulos que duvidam, porque outros collegas do illustre prégador, ha dois mil annos para cá vêm dizendo a mesma coisa e até têm fixado o dia. Geralmente o grande e terrivel acontecimento produzir-se-ia após um eclipse solar, diziam, e como as riquezas podiam ser grande estorvo á obtenção de um lugar no céo, aconselhavam áquelles que as possuiam doarem-nas aos conventos e ás igrejas, mediante *boas e legalizadas escripturas*. Quasi todos queixaram-se depois, dizendo terem sido logrados, porque o mundo ainda ahi está...

Acho que não ha razão para isso, pois, se attentarem no que dissera Christo, verão que laboram em erro: «Mais facil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.»

Logo, quem está com a verdade, com a logica são os ministros de Deus e os seus prophetas, os unicos que entendem de hermeneutica.

Possuir riquezas, bens terrenos, leva-nos infallivelmente ao lugar dos tormentos eternos; por isso, mesmo levando em conta todos os adiamentos havidos até a presente data, só temos que agradecer aos santos arautos da Fé e da Verdade por nos mostrarem o immenso, o irremediavel perigo a que estavamos todos expostos.

O propheta clama contra o abandono do confessionario, sempre crescente.

«A sociedade lucra com a confissão.»

«O sangue de Christo deu aos padres muitos poderes para serem no confessionario — medico, juiz, mestre e pai.»

Não ha a menor duvida que a sociedade lucra com a confissão. Houve mesmo tempo em que os refractarios á benefica instituição tinham mesmo que desembuchar, por bem ou por mal.

Torquemada e Arbues foram eximios confessores. Galileu salvou-se por meio da confissão, negando, depois de ter affirmado, que a terra se movia!

Milhares e milhares de individuos, antes de serem torrados, confessavam a sua falta, escapando assim ás penas eternas!

Logo, a confissão não é, como alguem affirma, *uma invenção infernal*. Muito pelo contrario, ella é a arma, a couraça mais poderosa que a Igreja Catholica nos offerece contra o poder das trevas.

«Porque não se confessam os homens? Porque fica esse dever somente para as mulheres e para as crianças?

E' porque ignoram o que é a confissão ou não têm vontade, ou então porque estão dominados pelo imbecilidade, pela fraqueza da vontade.»

Com effeito, não cumprirem os catholicos o preceito imperioso da Igreja que manda: — Confessar ao menos uma vez cada anno — é grave falta, obstinação insensata que os expõem ao perigo da damnação eterna.

Não venham com a objecção, com o subterfugio de estarem limpos de consciencias. São desculpas de doentes que occultam o mal de que soffrem com receio ou medo do purgante, do drastico salvador.

Quem vos absolverá do peccado do adulterio?

Não será a vossa esposa certamente, pela razão muito simples que da vossa bocca ella nunca ouvirá tal confissão.

E o perjurio, a inveja, a intemperança, o amor ao dinheiro e tantas outras causas de perdição de vossa alma?

Escutai, escutai a voz do propheta Julio. Christo ahi vem, não obstante o receio que elle tem de ser novamente crucificado.

Desculpe, propheta, mas não nos poderia dizer o dia certo e a hora da chegada do homem?

E' bom consulta-lo pelo telegrapho sem fio.

Adrecal.

Rio, 19 — 5 — 912.

Prohibição astuta

A igreja catholica possue uma arma de combate valiosissima, especialmente para exercer dominio discrecionario sobre as consciencias.

E' a prohibição que estabelece, com um despotismo inquisitorial, aos seus adeptos no sentido de evitar a todo transe que elles procurem conhecer qualquer outra doutrina diversa da romana.

Os crentes devem cingir-se exclusivamente a leituras devotas, ás paginas mirificas do *Flos Sanctorum* ou ás tolices em perguntas e respostas do catecismo diocesano.

Sahir deste circulo já é um passo para o horror da excommunhão.

Só este facto prohibitivo seria bastante como aviso de desconfiança no espirito do fiel catholico, se a sua psychologia não traduzisse a abdicação total da faculdade raciocinadora.

E, effectivamente, qual pode ser o motivo porque as autoridades religiosas anathematizam systematicamente toda forma especulativa visando esclarecer as sombras de certos dogmas pertencentes á sua cartilha?

O catholicismo é ou não é a verdade absoluta, intangivel, desafiando o perpassar dos seculos, sempre de pé no meio dos escombros accumulados ao bater das ondas reaccionarias do progresso que substitue por novas ás velhas instituições?

Se representa de facto essa verdade decantada em todos os tons pelos corypheus da sacra literatura, a analyse das demais doutrinas só traria como consequencia faze-la sobresahir, num magnifico relevo, em comparação com as suas tão odiadas competidoras. Em vez de temer os confrontos devia até mesmo provoca-los na certeza da victoria infallivel que lhe seria assegurada no embate de qualquer controversia.

Se o caso, porém, não corresponde áquella affirmativa, então sim, vedar o exame em materia de fé redunda na conservação dos ingenuos, manietados pelo terror ao poste do tradicionalismo absorvente que nega ao principio religioso o caracter de evoluir como todas as coisas evoluem.

Por forma que, muito de industria, o clero incute nas massas a subserviencia intellectual.

Sabe perfeitamente qual seria o resultado desastroso se consentisse na apreciação de outros credos por parte dos que se acham fascinados sob o guante de suas impugnações egoisticas.

O catholico, para se conservar na seita dos papas, necessita fechar a razão a todas as luzes ambientes.

Apparece ahi uma escola philosophica apoiada em factos da ordem natural, em principios de alta sciencia mas fóra de qualquer ligação com o Vaticano? Está condemnada desde o berço.

O papa se apressa em repudia-la usando o latim das encyclicas para armar ao effeito perante a visão da imbecilidade geneflexa.

O mundo catholico bate nos peitos em signal de obediencia. E acabou-se.

Não ha forças que o demova da resolução teimosa de invectivar com epithetos grosseiros, com insultos violentos a tudo quanto se afasta do seu circulo de ferro, intransponivel.

Chamam a isto organização, disciplina espiritual.

Acceitamo-la; mas só se for com o titulo que lhe fica a matar de — «formidavel organização de todos os absurdos consagrados pela rotina e repudiados em absoluto pela verdadeira sciencia».

Vianna de Carvalho.

Uma cerimonia tocante



Como fazem os que vão a Roma e vêem o papa

As crianças terriveis

A um diario parisiense communicou uma leitora o seguinte:

«Quereis inserir nos «Ecos» uma conversa bastante engraçada que eu ouvi, num grupo de meninas *guiadas por freiras*?

«*1.ª menina*. — Quando se passa diante duma cruz, deve-se saudar com a cabeça e fazer o signal da cruz.

«*2.ª menina*. — Mas então como é que os passarinhos fazem caca em cima della?»

As Uniões christãs

Na Allemanha, os membros da União christã dos mineiros continuaram a trabalhar durante a greve, inutilizando assim os esforços e soffrimentos dos seus companheiros de fadiga, de cuja victoria no entanto elles tirariam proveito. O presidente da União, apenas censurado pelos grevistas pela sua ignobil traição, fez fogo e matou um!

Que sentimentos... christãos!

A procissão dançante de Echternach

A superstição catholica

Encontramos em *La Livre Pensée* um artigo interessante do sr. Carlos Bernardin sobre a procissão dançante celebrado annualmente, na terça-feira de Pentecostes, em Echternach (Luxemburgo). Resumimos.

Diz-se que no seculo VIII houve uma epidemia no gado, communicando-lhe uma especie de dança de San-Vito. Para a combater, os crentes, por morte de S. Willibrod na abbadia de Echternach, lembraram-se de dançar tambem... E o costume perpetuou-se.

Nesse dia, desde madrugada, cobrem-se os caminhos de romeiros de todas as idades, marchando por varios meios de locomoção. A cidadezinha, de 3000 habitantes, recebe então mais de 20 mil forasteiros, camponeses vindos de lugares situados dentro de vinte leguas em roda.

Emfim, os sinos annunciam a chegada do clero á ponte do Sûre, onde se forma a procissão. O bispo de Luxemburgo faz um longo sermão, e em seguida o cortejo põe-se em marcha, levando á sua frente mais de cem padres de sobrepelliz. As fanfarras rompem a aria de S. Willibrod, meio polka, meio marcha, sempre a mesma, e subitamente dez mil pessoas começam a dançar, ou antes a saltar, dando três saltos para a frente e dois para trás. E assim vão a pular durante longas horas, de cabeça descoberta, sob o sol ardente! A's vezes lá cai um desgraçado, que os bombeiros levam logo.

O espectaculo é inolvidavel. São dez mil cabeças humanas avançando e recuando como o fluxo e refluxo, saltitando como as bolhas de um liquido a ferver, ao som discordante das fanfarras, violinos, pifanos, bombos, clarinetas, etc. A multidão vai em silencio, suspirando apenas.

Parece uma visão selvagem e estranha de Hoffmann. O espectador intelligente é partilhado entre os sentimentos de tristeza e de burlesco, de colera e de piedade. De piedade, ante aquella miseria intellectual; de colera contra os infames bandidos sacerdotaes que a exploram.

Os romeiros marcham em fileiras de sete pessoas, que se seguram pela mão ou por meio de lenços, em batalhões de algumas centenas, tendo cada um o seu grupo de musicos. A' frente vão as crianças de Echternach, depois os jovens da localidade, fazendo o papel de substitutos, pagos pelos que não puderam vir pessoalmente cumprir o seu voto. Ha typos caracteristicos de cretinismo, de ignorancia, de hypocrisia, de fanatismo. Ha velhos e epilepticos, cujo ardor é causa de lamentaveis accidentes.

A's vezes um grupo pára, fatigado, e gente compassiva traz agua e refrescos; mas ecoa a aria de S. Willibrod e logo os cansados recomeçam. Saltam grutescamente familias inteiras, desde o avô arqueado aos netos dos dois sexos e ha de vez em quando uma gentil rapariga, de movimentos graciosos, logo seguida, porêm, por algum brutamontes, que executa pinchos prodigiosos, descuidoso dos pés vizinhos, com a cara de louco banhada em suor.

O cortejo chega finalmente ao pé da igreja parochial, cuja escada de 64 degraus elle tem de subir penosamente. Dentro do templo, onde os musicos fazem um alarido... infernal, a procissão, sempre aos pulos, passa por trás do altar, saindo do lado opposto, por uma porta onde um padre conta os peregrinos, como um pastor as suas cabeças de gado. Cada romeiro deixou já a sua offerenda, e as moedas cobrem o pavimento do côro num amontoamento incrivel.

Para terminar, dá-se ainda volta, dançando, á cruz do antigo cemiterio e ali se desfaz o cortejo, após seis horas de gymnastica selvagem.

O espectador vem então com uma sensação indizivel, de angustia e de pesadêlo, com a melopeia obsidiante de S. Willibrod encrustada no cerebro. E só começa a despertar quando, na estação; vê com surpresa a ferrovia e descobre tranquillizado que vive no seculo do vapor e da eletricidade.

A horrivel superstição medieval a que elle acaba de assistir foi antigamente mantida com cuidado por frades cupidos e fanaticos, e o clero actual, movido por iguaes sentimentos, trata de a conservar e explorar, a despeito de todos os progressos intellectuaes e materiaes realizados.

Doutrina ecclesiastica

O jornal catholico belga *Brabant wallon* publicou em maio de 1911 o seguinte:

«Um hereje que propaga os seus erros é um assassino de almas, ás quaes rouba a vida sobrenatural bem como os meios de a recuperar; uma criança baptizada na religião catholica sem sua vontade não tem mais direito de se privar da sua vida sobrenatural abraçando a heresia do que um homem de se lançar á agua para se afogar.

(Até aqui o absurdo e a estupidez; agora a ferocidade da intolerancia a mais:)

«O poder civil executa os assassinos para delles livrar a sociedade para a qual elles constituem um perigo. Pela força se impede que os maniacos do suicidio executem o seu projecto, embora tenham nascido sem o seu consentimento.

«Não haveria a Igreja Catholica de ter o direito de julgar *dignos de morte* e de entregar ao poder civil, *para serem executados*, herejes, que são os peores assassinos, assassinos das almas? Não haveria ella de poder forçar os que receberam a vida sobrenatural pelo baptismo a manterem-se nas condições necessarias á conservação dessa vida?

«A vida sobrenatural da alma não é mil vezes mais preciosa que a vida do corpo? E os attentados commettidos contra essa vida sobrenatural não são mil vezes mais odiosos que os attentados contra a vida corporal?»

E' a logica da loucura!

Estas aberrações de lamentaveis monomaniacos da «Verdade absoluta» não datam da idade-media, mas de 1911. Se elles pudessem... E quando podem...

A reacção dos jesuitas de casaca

Situação deploravel esta que a todos os movimentos de reivindicação do operariado cria esta farandula de jesuitas refestelada no governo deste pobre Estado!

Situação deploravel a dos que aqui trabalham, escravos da fome, sem o direito de clamar aos seus senhores que o estomago se lhes aperta; sem o direito de exprobar-lhes em rosto a ignominia de seu proceder — sem o direito da vida, sem o direito da liberdade, sem o direito da acção!

Só ha aqui para o pobre um direito: trabalhar para os grandes, para os senhores, de sol a sol, sem um queixar, como um carneiro.

Senão, para os renitentes, para os captivos rebeldes ao relho do feitor, para os escravos fujões do eito e da cenzala, ha o tronco e ha o bacalhau, existe a cadeia e existe o secreta. Encarcera-se e maltrata-se, fere-se e persegue-se.

Assim foi em todos os tempos, assim continúa sendo.

Quando o operario, o expoliado levanta a voz, tem um gesto de nobreza e reclama o que de justiça lhe assiste — açulam contra elle os cães da policia, mettem-no na cadeia. Assim tambem se fazia nesta *«gloriosa terra dos bandeirantes»*, nos tempos coloniaes, com os indios escravizados e com os negros importados da Africa. E' natural pois que assim procedam tambem hoje, com os escravos brancos, quasi todos trazidos manhosamente, com ardis, illudidos como outrora os africanos, das terras nataes, é natural, dizemos, que assim procedam hoje os descendentes dos miseraveis e fanaticos caçadores de gentios, devastadores sem escrupulos dos nossos sertões.

O atavismo justifica as tyrannias innominaveis destes bandeirantes d'agora, educados (ou, antes, corrompidos) na escola moral, altamente humana, dos jesuitas de Itú...

—

Mais do que nunca, augmentando dia a dia, é suffocante, revolta a triste condição do operario nesta capital, em todo o Estado. Não só o operario da industria como o trabalhador da fazenda. Por hoje, num rapido esboço, num só periodo, delineemos a situação do primeiro. E' simples e é convincente: trabalha muito para ganhar pouco, cada dia menos, devido ao avanço desproporcionado e accelerado da carestia da vida — um outro ramo em que se manifesta a exploração, a ladroeira da burguezia rapace desta terra.

Foi pois para solucionar esta crise aguda, que affecta o seu estomago insatisfeito, que uma grande parte do operariado con-

CAUTERIOS

LXVIII

> O padre Julio Maria, qual novo S. João Baptista, annuncia aos povos e povas a segunda vinda do Christo á terra.
>
> *(Dos jornaes catholicos).*

Ponde os olhos nos céos, caros leitores,
Não tarda que de lá dos cimos desça
E a fé christã logo restabeleça,
Uma vergontea mais dos redemptores!

Cautela, pois! Armae-vos da cabeça
Aos pés, conegos, papas, monsenhores,
Se não quizerdes, como os mercadores,
Ser expulsos do templo tão depressa.

Não somos nós que tal aviso damos,
E' o padre Julio, o novo João Baptista,
De cuja boa fé não duvidamos...

Eia, gente christã, que o tempo é vario!
Se quizerdes que a egreja subsista,
Toca a arrumar a cruz mais o Calvario!

Beato da Silva

sciente de S. Paulo se declarou em greve, optou pelo recurso mais propicio a este momento, afim de fazer valer os seus direitos, afim de mostrar a sua força de braço propulsor do machinismo industrial, de energia vital do progresso.

Nada mais justo, nada mais necessario, nada mais humano!

Entretanto, assim não o pensam e assim não o querem os sacripantas que administram esta vasta fazenda que é S. Paulo. Para os insubmissos á expoliação — a pata do cavallo, o cacete do secreta, o calabouço, variações modernas do açoite do feitor, do cão auxiliar do capitão do matto e do tronco de outros tempos.

O captiveiro e os supplicios inherentes continuam sob variadas fórmas. Exigem-nos a demonstração. Para patenteal-a não precisamos ir longe, buscar flores de rhetorica, citar longos e fastidiosos exemplos. Basta o que se nos tem revelado no actual movimento grevista, pacifico segundo a constatação dos proprios orgams de publicidade subvencionados pela secretaria da policia, segundo a affirmação do orgam official da camarilha governista.

Que justifica então as perseguições movidas contra os grevistas, as prohibições para que estes se reunam mesmo em recinto reservado, as prisões effectuadas? Que justifica o encarceramento de Francisco Calvo, desse pobre operario roubado á sua esposa e aos carinhos dos filhos, durante tantos dias conservados em angustiosa expectativa, sem a mais leve noticia do esposo e do pai sequestrado? Que justifica a prisão desse operario cujo unico crime é ser secretario duma associação de sua classe?

A resposta é unica e plausivel: Dos degenerados descendentes dos mercadores de escravos, dos corrompidos discipulos dos jesuitas de Itú, dos sabujos de d. Duarte Leopoldo não póde esperar actos humanos e justos o povo de S. Paulo.

Em Baurú

Uma controversia com o vigario da localidade sobre assumptos philosophicos.

Ha pouco tempo, na habitual tosquia ás suas mansas ovelhas, esteve em Baurú d. Lucio, bispo de Botucatú. Como em toda a parte, do poleiro de sua igreja derramou por sobre os livres pensadores da localidade os maiores dispauterios, as maiores asneiras. Os nossos correligionarios, porém, é que não estiveram pelos autos, isto é, pelos absurdos vomitados pelo bispo, e por isso o reptaram para sustentar pela imprensa as inverdades ditas numa igreja, no meio dum publico fanatizado.

No lugar de d. Lucio, apresentou-se o seu fiel escudeiro, padre Antonio José Pires, vigario de Baurú. E' impagavel o sr. padre Pires! Acceitou a luva que foi atirada ao ao seu senhor impondo algumas clausulas bem interessantes. Quer por exemplo, que a polemica seja travada em puro, em castiço vernaculo, como se a grammatica e o estylo fossem condição inherente da verdade. Um pronome fóra do seu respectivo logar será o bastante para que o sr. padre Antonio Pires fique convencido de que está do lado da verdade. Quer tambem ser tratado com luvas de pellica, de v. revma. para cima, como merece um illustre sacerdote de Christo. Mostra mesmo o desejo de ver o seu adversario, antes de pôr-se em guarda, beijar-lhe respeitosamente as mãos e pagar-lhe uma missa em intenção da futura derrota.

Pois bem, illustre philologo padre Pires, o nosso companheiro Doge da Maia vai recordar o Coruja e comprar um par de luvas, para na proxima semana sair ao teu encontro. Prepara pois a tua penna aurifulgente e... o teu dorso delicado!



Biblia vermelha

A pergunta que por si só basta para demolir todas as tentativas de «provar» a existencia de Deus é a seguinte: Por que razão creou Deus o mundo?

Odoacro.

Só, livre, podes enganar-te; mas mais vale o erro do homem livre do que a obediencia do escravo.

Emerson.

Inquisição policial

Infamia sem nome

A policia prende e martyriza o operario Francisco Calvo, atirando-o depois á varzea de Santo Amaro — Quem não protestará contra esta barbaridade?

Não encontramos termos capazes de exprimir devidamente o sentimento que, num misto de asco e indignação, domina todo o nosso ser ao transmittirmos ao publico a negra, a inacreditavel odisseia por que acaba de passar o operario Francisco Calvo. Parece que voltamos aos tempos horriveis da Inqusição, de odiosa memoria.

Mas detenhamos as explosões de nossa indignação e passemos a relatar fielmente aos nossos leitores toda a infame historia deste facto que ha de ficar eternamente gravado nos annaes da vida publica dessa conluio de jesuitas de casaca de que se compõe a nefasta oligarchia paulista.

Francisco Calvo é operario sapateiro e trabalhava na fabrica de calçados Clarck. Como os nossos leitores sabem pelas noticias que temos dado, a classe dos sapateiros fundou ha pouco tempo a sua sociedade, nella espontaneamente inscrevendo-se a grande maioria dos seus membros. Calvo, como operario consciente que é, tambem adheriu a essa sociedade, da qual ha coisa de um mez passou a ser secretario, cargo a que dedicou todos os esforços de que é capaz todo o homem conscio das suas responsabilidades.

Com a agitação ora reinante na classe operaria desta capital devido ao estado de miseria em que se encontra, os trabalhadores na fabrica de calçado Clarck puzeram-se em greve reclamando algumas melhoras na sua situação.

Os grevistas, usando de um direito garantido pelas leis do paiz, reunem-se diariamente para discutir sobre os seus interesses em jogo. Nessas reuniões Francisco Calvo tomava a parte activa inherente ao seu cargo, fornecendo informações sobre o que havia e prestando as explicações que lhe eram pedidas.

E eis ahi, em poucas linhas, o papel representado por Calvo no actual movimento operario.

Pois a policia, attribuindo a esse operario não sabemos que serie de delictos horrorosos, destinou-o para victima dos seus ataques de hydrophobia, nella tão communs por occasião de todos os movimentos operarios.

E aqui começa o martyrologio inquisitorial do nosso bom amigo.

No dia 9 do corrente, das 9 para as 10 horas da noite, quando Francisco Calvo se dirigia para a sua residencia, foi inopinadamente agarrado no largo da Sé por um desses typos abjectos, escrecencias do ultimo estadio da degradação moral a que se dá o nome de espiões secretas. Calvo procurou desprender-se das suas mãos viscosas, mas não o conseguiu porque em auxilio do cão policial correram o soldado de ronda no mesmo largo e outros secretas, não podendo por isso entrar para a nossa redacção, de onde havia saido e onde a sociedade dos sapateiros tinha a sua secretaria. E entre safanões, soccos e ponta-pés foi o honesto trabalhador transportado para a Central.

Da Central foi Calvo levado, ás 11 horas da mesma noite, no auto-ambulancia, para o posto policial da Consolação. Neste ergastulo inquisitorial foi elle mantido até sabbado, encerrado num cubiculo, dormindo no chão humido, sem receber o minimo alimento e nem sequer uma caneca d'agua. Calvo, em certo momento, torturado pela sêde, foi obrigado a beber a propria urina, por lhe ter sido negado um pouco d'agua, apesar dos seus insistentes pedidos.

No sabbado, depois de 48 horas de fome, sêde e frio, transportaram-no novamente para a Central, de onde foi levado sem sentidos para um outro posto, que elle depois soube ser o do Belemzinho. Naquella infame casa de tortura Calvo foi atirado para um xadrez tão limpo como a alma dos seus perseguidores.

A' certa hora da noite notou Calvo que todas as luzes tinham sido apagadas e que as grades da sua prisão haviam sido abertas. Em grandes berros gritaram-lhe que sahisse. Com muito esforço poude vencer a escuridão e ver no meio da sala um paisano entre um soldado e dois homens embuçados, que elle reconheceu serem soldados pela calça descoberta.

O homem á paisana, que devia ser um delegado, perguntou-lhe se sabia porque motivo estava preso. Calvo respondeu-lhe que a elle cabia fazer essa pergunta. O tal homem vomitou então uma serie de disparates e insultos, dizendo que Calvo era o autor das greves que se estão manifestando, o seu chefe, o seu cabeça, os proprios grevistas emfim, ao que replicou devidamente o digo operario.

Terminada esta scena que nos transporta aos dominios de Torquemada, foi Calvo descido do xadrez para uma solitaria a tres ou quatro metros abaixo do nivel do solo, de pouco mais de um metro quadrado, sem luz, quasi sem ar e tão humida que a agua chega a pingar do tecto.

Nesse antro de morte permaneceu Francisco Calvo doze dias, isolado, sem ter quem lhe attendesse aos seus pedidos angustiados!

Durante esses doze dias recebeu como unico alimento, de vinte e quatro em vinte e quatro horas, uma canecazinha de agua suja a que davam o nome de café e um pedaço de pão menor que esses pãezinhos de vintem!

E isto durante doze dias! Doze dias de fome, de frio e de somno, porque nem dormir Calvo podia, pois o cubiculo não dava senão para estar sentado!

As forças já lhe iam faltando, sentia-se definhar, morrer lentamente sem que um soccorro, um auxilio lhe pudesse ir aliviar a sua situação desesperadora. Appellou para os sentimentos humanos dos soldados mas ninguem lhe deu ouvidos.

Um pensamento tragico dominou-o então: era melhor findar com tantos soffrimentos. Daria cabo do resto da vida. E, procurando aguçar o cabo da caneca, deu alguns golpes sobre as veias da mão esquerda.

Felizmente não conseguiu o seu intento. Tinha a intenção de secundar a sua tentativa com a creolina que costumam pôr nos baldes de que se servem os presos.

Foi nesta situação desesperadora que o foram arrancar daquella solitaria da morte para com elle commetterem a sua ultima infamia.

Pela meia noite de quarta-feira, 22, assistiu Calvo á mesma scena que já descrevemos: apagaram-se todas as luzes e os soldados encapuçados foram busca-lo á solitaria.

Perguntou-lhes para onde o iam levar e responderam-lhe os embuçados que para a sua residencia. Agarraram-no e, batendo pelas paredes devido á escuridão, levaram-no para o fundo do posto onde já se encontrava o auto-ambulancia para o qual foi atisado.

O auto partiu em vertiginosa carreira. Depois de bastante tempo, pelo qual Calvo calculou estar muito longe da cidade, o auto parou, dizendo-lhes os homens encapuçados e um sargento que descesse, pois estava em sua casa.

Calvo julgou o alcance da sua situação e, cheio de desespero, protestou, agarrando o sargento da comitiva pelo pescoço.

Os homens encapuçados cairam sobre elle, dando-lhe soccos e ponta-pés, atirando-o por fim ao chão.

E o auto-ambulancia partiu em desabrida carreira, deixando-o ali, atirado ao chão, sem forças, no meio do caminho, sem saber onde se encontrava.

O pobre operario encontrava-se na varzea de Santo Amaro, além do Bosque da Saude!

Tacteando, cambaleante, começou a andar a esmo, conseguindo depois de muito esforço chegar á casa de um leiteiro que, pela manhã, o trouxe em seu carrinho para a cidade.

E, como um attestado vivo do alto grau de civilização deste Estado, lá está Francisco Calvo entregue ao seu leito e aos cuidados dos medicos, impossibilitado de, por muito tempo, ganhar com o seu trabalho o pão para a sua dedicada companheira e para os seus filhinhos.

De que forma commentar agora isto? E' tão grande a infamia, é tão horrivel a injustiça que chega a embotar-se-nos o espirito, impedindo-nos de dizer tudo quanto de amalgura e odio nos vai na alma de modestos mas enthusiastas sustentadores da causa dos opprimidos.

Para se conseguir a liberdade de Francisco Calvo os advogados Passos Cunha e Demetrio Justo Seabra recorreram a todos os recursos da lei, foram percorridos todos os tramites legaes.

Quatro habeas-corpus foram impetrados aos juizes e ao Tribunal de Justiça, foi requirida uma diligencia aos postos policiaes, uma commissão foi ter com o secretario da Segurança Publica e com o presidente do Estado para reclamar a sua liberdade, chegando o advogado Justo Seabra a conseguir a intervenção do consul hespanhol.

Nada disso produziu resultado. A policia respondeu á commissão, aos juizes, ao Tribunal e ao consul que Calvo não estava preso em nenhum posto da capital!

E se não fosse a ameaça da greve geral do operariado, que estava iminente, se a policia não temesse complicar ainda mais a sua situação com a grande agitação publica que se ia fazer, Francisco Calvo terminaria os seus dias no fundo da lobrega solitaria do posto policial do Belemzinho.

E os juizes burlados, menosprezados na sua dignidade não reagem contra tal affronta? E a imprensa onde tem a sua independencia, onde está o seu prestigio de guarda das liberdades publicas que não se levanta em peso contra tal ignominia?

Não haverá nesta terra quem, fora do elemento operario, sinta-se affrontado diante desta infamia sem nome?

E' preciso que tal facto não fique esquecido, é necessario que o povo todo levante o seu vibrante, potente e energico protesto contra mais esta barbaridade de que são autores esses contumazes do crime legal, contra essa escumalha dos collegios da padralhada de Itú que se transformou em sarnosa rafeira dessa canalha que vem para o Brasil enriquecer á custa das notas falsas, da falsificação de bebidas, da venda de generos adulterados e do sangue de miseras crianças que morrem entre as engrenagens de suas fabricas.

Appellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as aggremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quizer ser cumplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

A agitação continúa

Prosegue activamente a agitação contra a carestia da vida.

A reunião realizada domingo no Braz teve um exito brilhante. A concorrencia foi numerosa, falando diversos oradores sobre as causas desta situação provocada pela ganancia de meio duzia de açambarcadores.

Hontem á noite teve lugar uma outra reunião no largo do Cambucy, com o mesmo exito da do Braz.

Segunda ou terça-feira realizar-se-á um outro comicio no bairro do Bexiga.

NO RIO

E' representante da *Lanterna* no Rio o nosso amigo Cecilio Villar, que poderá ser encontrado á rua do Senado, 196.

Da cobrança das assignaturas está encarregado o companheiro Santos Barbosa.



O morticinio do Lena — Uma greve nas areias auriferas da Siberia — Os interesses da finança contra a vida dos operarios — As causas do crime, as suas circunstancias e a impressão produzida — O naufragio do Titanic *e suas causas — Os efeitos da luta de interesses entre os homens e da divisão em classe — O interesse das Companhias contra o interesse geral.*

LISBOA, 28 DE ABRIL

Chegou ao Brasil a notícia telegráphica do grande morticínio executado pelas tropas do tsar sobre os trabalhadores das minas de oiro do distrito de Vitime, govérno de Iskutok, Siberia Oriental, nas margens do rio Lena?

Essas minas pertencem a uma sociedade constituida e dominada pelo célebre financeiro cosmopolita barão de Gunzbourg, que com a aquisição do capital-acções da antiga sociedade «Lena» teve em vista levantar-se do desastre sofrido num jogo de bolsa. O barão reservou para si todas as acções privilegiadas e colocou no conselho de administração o irmão do ministro Timiriazeff, o importante metalurgista Putiloff e alguns lords ingleses.

O negócio ia bem, quando estalou a greve dos mineiros do Lena, infamemente explorados, passando uma vida de indiziveis privações, habitando em míseras choupanas. Que pediam os grevistas? A jornada de oito horas, já bem pesada para tam exaustiva labuta, um aumento de salário e o pagamento em dinheiro, em vez das senhas que os negociantes só aceitavam com um desconto variavel.

Em 15 de março eram os grevistas apenas 900, mas alguns dias depois eram já 6 ou 7 mil, mantendo uma atitude pacífica.

As acções da Companhia começaram a baixar, mas os directores, em vez de ceder, espalharam o boato da proxima cessação da greve e mostraram-se intrataveis. Os grevistas foram intimados a abandonar as suas miseraveis habitações, propriedade da Companhia, — medida, porêm, que, pela sua crueldade excessiva e perigosa, a propria autoridade não ousou executar, apesar de se ter posto imediatamente a serviço do capital, com a fôrça armada.

Entretanto, a despeito dos falsos boatos optimistas, as acções continuavam a descer. Havia 500 mil títulos parados. Era preciso elevar o todo custo as cotações desses valores nas praças de Paris e de S. Petersburgo. Urgia sufocar a greve.

E então, na noite de 17 de abril, foram presos os membros da comissão da greve e 40 entre os mais activos grevistas, para serem deportados. No dia seguinte, três mil grevistas foram reclamar a liberdade dos companheiros detidos. O capitão Ireschenko disse-lhes que se dispersassem ou mandaria fazer fogo. Mas só as primeiras fileiras ouviram a intimação, não podendo obedecer-lhe porque eram empurradas de trás.

Após a primeira descarga, os operarios deitaram-se por terra, mas em seguida, enfurecidos pela inesperada e feroz agressão, levantaram-se de novo e correram sobre a tropa, que os deteve e dizimou com outras três descargas. No solo jaziam 390 trabalhadores, entre mortos e feridos.

A sensação produzida na Russia por este morticinio é enorme, sobretudo nos meios operarios, onde várias greves de protesto foram declaradas. A propria Duma, tam anódina e moderada, se comoveu.

Possa ao menos contribuir para a quéda do abominavel e monstruoso tsarismo o sacrificio daqueles desgraçados trabalhadores, vítimas das combinações gananciosas de financeiros, que queriam fazer subir cotações!

E não seria tambem para encarecer acções, avolumar o dividendo, **que se levou o *Titanic* ao naufragio e se perderam mais de mil e quinhentas vidas?**

Sabia-se a rota semeada de geleiras: tinham sido vistas na tarde que precedeu a catástrofe; um navio, que se cruzou com o *Titanic*, avisara-o da proximidade do grande glaciar fatal. Mas era necessario dar a vitória à Companhia, bater o *record* da velocidade. O capitão tinha um prémio por cada hora a menos sobre o tempo estabelecido. «Não nos deixavam sequer fumar um cigarro» — depõe agora um maquinista sobrevivente.

Mais. O navio tinha o maior luxo e confôrto, tudo fôra previsto para atrair os passageiros e sobretudo a clientela rica. Mas os meios de salvação eram escassos. O vigia declara que, se tivesse um óculo de alcance, teria visto o glaciar a tempo: não o tinha. O colossal transatlantico não possuia projectores electricos. Isso é para os couraçados, para a obra de destruição e de morte, não para a de salvação e de vida.

Os escaleres eram insuficientes, não chegavam para um terço da população de bordo: a companhia desprezara esse pormenor dispendioso e pouco lucrativo.

E esta insuficiencia dá ensejo a revelar-se nos seus efeitos a funesta divisão da sociedade em classes. Um oficial, por antífrase chamado Lightholder, escolhe para os barcos primeiramente as mulheres, mas repele as criadas do navio, as que iam ali para ganhar o pão. Salvam-se mais de metade dos passageiros de primeira e segunda classe, mas pouco mais da quarta parte dos de terceira. O director da Companhia, que ia a bordo, não consente em ficar para o fim; a sua vida vale milhões. Educados, afeiçoados por um meio social, onde a divisão em classes e os privilegios produzem a luta inter-humana, alguns passageiros perdem toda a dignidade e querem conquistar a preferencia pela brutalidade feroz.

E apesar de tudo, quantos actos sublimes de serenidade e de heroismo! Onde os ha mais belos do que o dos musicos que morrem tocando para animar os náufragos e o do telegraphista cuja tarefa impassivel só a morte vai interromper? Como o homem seria bom, se não existissem tantas causas de rivalidades e de ganancia, de baixeza e de violencia!

No morticinio do Lena como no naufragio do *Titanic* vê-se claramente o interesse das Companhias, o interesse particular contra o interesse geral.

Os meios de produção e de transporte são possuidos por alguns seres, que naturalmente cuidam sobretudo do seu interesse proprio. A riqueza social é assim administrada, não para bem de todos, màs para vantagem de poucos. O escopo da produção e de todos os serviços de utilidade publica deixa de ser o bem-estar e a segurança de cada um para consistir apenas no lucro dos proprietarios.

Quando é que os homens verão a necessidade da administração directa das coisas, pelos proprios produtores e consumidores?

Neno Vasco.

Excursões celestes

Refere um collega francez que o bispo de Oran, alludindo aos que não puderam ir pessoalmente numa recente peregrinação a Roma, escreveu:

«Elles estarão de coração com os seus companheiros de França que vão receber a benção do nosso grande pontifice Pio X. Rezarão por aquelle que é o lugar-tenente de Jesus *(que general!)* **na terra e a quem elles devem o acharem-se de tempos a tempos no ceu.»**

***De tempos a tempos* no ceu! E' boa!**

Mas de que se trata? De passeios em aeroplanos?

O crime do padre

I

Insomne revolvia-se no leito o sacerdote.

Não podia dormir. Uma imagem de mulher o perseguia incessante, roubando-lhe o socego, a paz de espirito que gozava, antes de a ver. Nunca em sua vida deparara uma mulher que o conturbasse tanto. E comtudo muitas mulheres o haviam seduzido. De incautas confessandas arrancara, sorrindo, a delicada capella de virgem; a muitas habitações elle fora o ignobil portador da deshonra e da vergonha, e mais de uma victima de sua lascivia, illudida pelas falas unctuosas do devasso D. João de sotaina, chorava desesperada, afflicta, no infecto bordel a que a arrojára o cynico tartufo; mais de uma victima de sua concupiscencia lamentava, no prostibulo hediondo, a sua sorte amára, maldizendo de Deus e dos homens!...

Não era o amor, o dulcifico sentimento que prende duas almas irmans e que as domina para todo o sempre, o que o fazia soffrer assim. Era a paixão sensual, era o desejo lubrico, violento, febril, impetuoso, que lhe accendera nalma o fogo ardente que o consumia minaz. Sua fronte escaldava.

Sentou-se no leito, e pousando nas mãos a cabeça escandecida, quedou pensativo.

Os primeiros raios do sol vieram encontral-o naquella posição.

II

Resolveu agir. Não podia lutar mais contra o desejo sensual, contra a paixão impura, que por Maria, — assim se chamava a sua pretendida victima, — concebera, desde a primeira vez que a viu. E o padre pervertido, vicioso, ideiou logo tenebroso plano para arrastal-a ao lodaçal do vicio!...

Era casada! Que lhe importava?

Elle, o temido d. João, pouco se preoccupava em perturbar a paz, a harmonia de um casal.

Fez-se apresentar. Intelligente, insinuante, não lhe foi difficil captar a sympathia e a inteira confiança do casal. A sympathia e a inteira confiança apenas. O amor de Maria o padre não o conseguiu, apesar de todos os seus esforços. Em breve eram amigos inseparaveis o esposo de Maria e o padre infame.

Ia visital-os a qualquer hora do dia, era acolhido sempre amavelmente na sala de jantar e, traidor, começou a cercar a moça de cuidados que despertariam a attenção de outro marido menos ingenuo e confiante.

A moça tratava com delicadeza e affeição, mas, alma pura, não suspeitou que todos os desvelos do ministro de Deus encobriam alvo nefando.

A ideia elevada, que fazia do padre; a austéra educação recebida; os rigidos principios da moral, e da virtude, incutidos indelevelmente em sua alma desde a sua puericia; sua simpleza ingenua, tudo isso contribuia para que ficasse completamente alheia á paixão que despertára, insciente.

E o padre hesitava em falar. Hesitava.

Elle, o corruptor infernal, sentia-se timido.

Tal era a auréola de pureza e honestidade que da moça irradiava, que elle o pervertido, o vicioso, era forçado a respeital-a.

Não desanimou comtudo. Poz em pratica todos os manejos vis e torpes para conquistar o coração de Maria.

. . . .

E o marido, no entanto, nem de longe imaginava que aquelle padre bonachão, risonho, amavel era a serpe traidora, que pretendia, maliciosamente, tentar e arrojar ao inferno da perdição a sua esposa adorada!

III

Chamado a negocios teve de afastar-se por algum tempo do lugar em que habitava o marido de Maria.

E, santa ingenuidade! pediu ao seu amigo reverendo que olhasse por ella, que lhe désse conselhos, que a vigiasse attento. O padre assim o prometteu, rindo-se interiormente de tão grande simplicidade.

IV

Maria era o nume tutelar da pobreza. Sahia de casa, todos os dias, para visitar os pobres e levar-lhes a esmola bemfazeja e o conforto de sua presença.

O padre sabia. E, hypocrita, fingindo-se compassivo, mais de uma vez fora levar uma esmola aos pobres de Maria. E o canalha, o miseravel muitas vezes se encontrava com ella no humilde tugurio de algum indigente.

V

Chegára a occasião propicia. «Agora ou nunca», pensava. «Ah! Maria ignorava ou fingia ignorar que voraz paixão o minava, indomita; que febril desejo de beijar-lhe com osculos ardentes os cabellos negros, luzidios; a bocca mimosa, os labios finos, rubros, a face avelludada o devorava atroz.

Ah! que desejo louco de estreitar ao peito seu corpo elegante, esplendido, ah! que desejo louco de arrastal-a ao leito, e numa explosão frenética de beijos extinguir o fogo ardente, que o abrazava, e nas ancias sensuaes de goso infrene sentir entre seus braços, contorcer-se num amplexo voluptuoso o corpo desnudado de Maria!... Elle queria. Havia de ser». E um sorriso máu, perverso, crispou nesse momento os labios do miseravel.

VI

O plano estava naturalmente traçado. Maria era esmolér e caritativa. Pois bem.

A pretexto de organizar uma associação de caridade, attrahiria a sua casa a moça e então... E um sorriso diabolico completou o seu pensamento maldito.

. . . .

E o marido, no entanto, em proxima cidade cuidava de negocios, satisfeito, alegre, feliz. E o reverendo villão pensava em macular com o estigma infamante da deshonra a um homem honesto e bom que o acolhera com tanta chaneza e cordialidade...

VII

Um dia o padre foi visitar a Maria. Começou a falar das miserias que pallulam no mundo e, lamentando-as com voz dolente, lembrou uma associação de caridade formada por senhoras, para valer aos desgraçados. Iria falar com algumas senhoras, conhecidas e religiosas, para conseguir o seu *desideratum*. Desejava, primeiro, pedir a opinião de Maria.

Esta applaudiu com enthusiasmo a ideia. E declarou-lhe que contasse com ella. O padre exultou. Seguiu para casa alegre, trauteando, entre dentes, uma canção.

VIII

Alguns dias depois o padre visitou novamente a Maria. «Minha ideia foi acceita», disse radiante. Trata-se, agora, de nos reunirmos. Combinamos que a primeira reunião se effectuaria em minha casa, por ser a que mais commodidade offerece a todos, amanhã ás duas horas e meia. Não falte, d. Maria.

A moça, credula, não podendo suspeitar do amigo intimo de seu marido, que lhe recommendára que consultasse ao padre, si qualquer duvida tivesse em sua ausencia, Maria prometteu ser pontual.

IX

No dia seguinte se achava o padre presa de violenta superexcitação nervosa.

Ia jogar a decisiva cartada.

Não almoçou. Não tinha appetite. Andava agitado, pelas salas da casa em que morava. Sob um pretexto qualquer despediu a creada, que o servia ha annos.

Maria chegou á hora aprazada. O padre recebeu-a com carinho. Pediu-lhe que se sentasse, pois as outras associadas não poderiam tardar.

Chegára afinal o momento anciado.

Seu coração pulsava com violencia.

Falou, procurando dominar a emoção profunda, que sentia. Procurou mostrar-se alegre, jovial.

Mas inconscientemente se atraiçoava.

Conhecia-se que aquella alegria era falsa. Via-se que o agitava uma commoção vehemente, que o absorvia inquietante preoccupação.

Seus olhos irradiavam extranho fulgor.

A moça reparou nos modos do padre.

Pela vez primeira uma suspeita lhe atravessou o cerebro. Teve medo. «As outras não vêm, reverendo, são 3 horas já. Voltarei outra vez, disse apparentando calma». «Não, replicou o padre com voz tremula de emoção, não vai sem me ouvir. Preciso abrir-lhe o coração. Preciso dizer-lhe tudo o que sinto. Si não lhe confessasse o meu martyrio infindo eu creio que a loucura se apossaria de mim.

«Escute». E o padre foi fechar a porta.

A moça attonita, medrosa o encarava. Nos olhos pretos, muitos abertos, se lia o intenso terror que a dominava.

Quiz gritar. A voz morreu-lhe na garganta. O peito arfava-lhe. Tremia.

E o padre maldito, o infame ministro de Satan, veiu para junto della.

Estava muito pallido, seus olhos brilhavam. «Escute-me», repetiu. E a confissão brutal, ha muito tempo contida, jorrou de seus labios. Falava com volubilidade. «Vou dizer-lhe o meu segredo, meu doloroso segredo.

Eu amo-a... Ha muito tempo...

Desde que a vi... Esta paixão, que me domina, é irresistivel». E assim continuou. E contou tudo. Narrou as longas noites de insomnia, em que sempre a via esplendente e bella; os dias amargurados, que passava, sempre obsedado pela sua doce imagem.

O soffrimento, que lhe torturava a alma, vendo-se incomprehendido. As alternativas doridas da duvida. E ridiculo, piégas, supplicou-lhe que se apiedasse delle, e que num beijo de amor lhe recompensasse a constancia, e lhe désse o merecido galardão de tanto soffrer.

A moça, estarrecida, olhava-o com espanto. Quando, porém, ella o viu curvado a seus pés, soluçando, comprehendeu a infamia do emissario do Averno.

Parecia-lhe tudo aquillo um terrivel pesadello. Um mesto sorriso de amargura lhe pairou nos labios pallidos. Lagrimas de dor, lagrimas de vergonha e de indignação bailaram-lhe nos olhos. O padre tomou-lhe uma das mãos. Retirou-as enojada lançando-lhe um olhar de asco e de desprezo. Poude falar. Intimou-o, severo e carrancudo o senho, que lhe abrisse a porta. «Não, disse o padre, has de ser minha». E de novo lhe falou com brandura, buscando commovel-a.

Maria não lhe respondeu.

O reverendo passou-lhe o braço pela cintura e tentou oscular-lhe a face. A moça o repelliu com horror.

Desorientada, perdida, abriu a bocca para bradar por soccorro.

Para impedil-o, o padre levou-lhe a mão á garganta.

Do peito da victima sahiam apenas uns sons roucos. Seu rosto tornou-se arroxeado, devido á pressão dos dedos do infame. O padre estava horrivel. Transfigurava-se.

Mostrava-se tal qual era, naquelle instante: máu, pequenino, perverso, hypocrita, cynico, ousado, repugnante e torpe.

A mão do padre a asphyxiava...

A martyr estertorava. Afinal o reverendo a deixou. Seu corpo tombou inanimado. Estava morta.

Eduardo Vital.

Rio, 13 — 5 — 1912.

EM SABARÁ (MINAS)

As proezas de D. Fenelon

Entre o pacote enorme de cartas e apontamentos com que os amigos de toda a parte nos communicam os gloriosos feitos dos sagrados sacerdotes da igreja de Pio X e que nós somos obrigados a ir aproveitando aos poucos, na medida do limitado espaço disponivel, tal a sua quantidade, encontramos a carta abaixo transcripta, na qual os nossos leitores conhecerão o celebrado coroado Fenelon dos Santos que, segundo uma noticia inserida noutra parte deste numero, foi agora corrido de Sabará com todas as pragmaticas do estylo.

Aqui vai a carta:

«Amigo Edgard:

Saudações.

Affectuosamente dirijo-lhe esta missiva, afim de lhe expôr os factos desse nosso *amigo*.

Typo caricato de comedia antiga, esse typo tem feito façanhas as mais ridiculas possiveis. O nome delle já tem figurado nas columnas do *Livre Pensador* e nem assim elle é capaz de tomar vergonha. E' um verdadeiro companheiro de S. Faustino. Em questões amorosas é um turuna. Tem dado que fazer a alguns maridos, e talvez não tenha poupado algumas moças, porque é muito cercado dessas creaturas ingenuas.

Ultimamente este sotaina tem pintado tanto, a ponto de distribuirem profusamente pelas ruas da cidade este boletim, por obra e graça dos proprios catholicos, porque nós anticlericaes não damos confiança a esta cafila nojenta á qual nem sabemos o qualificativo que havemos de dar:

«PEOR QUE JUDAS

Até quando aguentaremos o immoral e degenerado padre Fénèlon dos Santos, que, em vez de dar exemplo e prégar a moral christã, só tem praticado a immoralidade e a ganancia a ponto de vender prata e imagens da matriz?

Cumpre ao povo tomar energicas providencias.

A tolerancia já está excedendo.»

O padre Fénèlon dos Santos, um pulha de marca maior, como é notoriamente sabido, ficou indignado com esse boletim.

O nosso heróe já vendeu imagens, pratas, e agora deve chamar um tarrafeiro mestre que temos aqui para pegar todas as beatas e vende-las tambem, por preço muito reduzido, porque este artigo para nós pouco valor tem.

A Casa Pio X, de S. Paulo, rejeitou toda prata, porém a d. Theotonia A. Pinto comprou todas as imagens, inclusivè um crucifixo de prata.

E para terminar esta pergunta: Onde está Idalina?

Com vagar mandarei noticias detalhadas.

Sabará, 25 de fevereiro de 1912.

Rabo de tatú.»

Capital e trabalho

A greve actual

Os operarios da fabrica de calçados Clark, cançados de serem explorados, unidos e cohesos, levantaram-se e declararam-se em greve.

Fizeram muito bem.

O seu pedido, que é nada exorbitante, cifra-se na reducção das horas de trabalho a 8, e a augmento de salario a 7$, 6$ e 5$000 diarios.

Calculados os dias de trabalho de cada mez em 25, será respectivamente 175$000, 150$000 e 125$000.

Póde isso ser considerado como um pedido exorbitante?

E', porventura, o desgraçado operario uma besta, uma alimaria, cujo unico fim deve ser o de transformar seus patrões, em poucos annos, em millionarios emquanto elle, que é o primeiro e o unico productor daquelles milhões, deve continuar a vegetar na mais negra e sordida miseria?

Porque, perguntamos, tiram ao operario os fóros de humanidade e transforma-no em machina?

Não é, porventura, elle o esteio do mundo inteiro, sobre quem se fundam os alicerces desta grande engrenagem que se chama a actividade humana?

Não querem os patrões comprehender isso? O operario obriga-lo-á a tal.

O operario é um ser humano, é um homem, é individuo que faz parte da collectividade social, é um IGUAL a seus patrões que, como já o affirmamos, em nada lhes são superiores e, portanto, tem de ser ouvido, tem de ser consultado e tem de ser attendido em seus justos pedidos.

Além disso, vivemos sob um regimen democratico, não ha mais *sangue azul*, ha sómente membros, iguaes, de uma confederação democratica, na qual ninguem se eleva acima de outro, pois que essa é a base primordial da nossa Constituição.

A aristocracia do dinheiro não póde vigorar num paiz democratico, porque essa aristocracia é o producto da exploração que, não exercida, excluirá aquella.

Porque deve um unico individuo, bebendo o sangue de centenares e milhares de homens, accumular fortuna, tornando-se estes sempre mais miseraveis?

Porque motivo ha de ganhar José, Pedro ou Paulo dezenas de contos de réis em um mez, e um operario não ter o direito de ganhar magras centenas de mil réis?

Não. Isto não pode continuar assim indefinidamente.

Levante-se o operario, mas consciente da sua força, pacifico, ordeiro, porém intransigente, forte, forte e coheso, e ninguem, ninguem lhe fará frente, ninguem se atreverá a desfructar o seu trabalho e beber o seu sangue, porque encontrará diante de si um poder formidavel, uma força invencivel que não se poderá jamais anniquilar pela violencia e pela oppressão.

Já que de si não querem attender aos seus soffrimentos, obrigue elle, pela greve, — direito unico que lhe assiste, — a que seja reconhecida a sua personalidade humana e como tal respeitada.

***

A Fabrica Rocha, — por uma irrisoria solidariedade, — entendeu de fechar as suas portas!

Muito bem. E' um direito que tem todo o industrial de fechar a sua casa quando e como lhe convier.

Se, porém, amanhã, devido a essa medida oppressiva que nada justifica, a greve se generalizar, quem, — perguntamos, — pagará o pato?

Se ficarem paralysados commercio e industria, por dias, semanas ou mezes, as duas mencionadas fabricas estarão pelos autos e pagarão os prejuizos devidos á sua teimosia e prepotencia!

Assim, pelo carrancismo de um grupo, fere-se todo um systema.

Até quando marchará um tal estado de coisas?

R.

(S. Paulo).

Pequenos écos

Nascimento — O nosso correligionionario José Duarte Nunes e sua senhora Maria Ferreda Nunes, residentes em Villa Raffard, participaram-nos o nascimento, a 6 do corrente, de uma sua filhinha, á qual deram o nome de Idalina.

A' recemnascida almejamos uma vida plena de felicidades, livre de todos os preconceitos de que hoje a mulher é victima predilecta.

Visitas — Tivemos a satisfação de receber em nossa tenda de trabalho a visita dos srs. Jorge Haddad e Nicolau R. Haddad, este representante do nosso collega de Campos *Al-Fajr (Aurora)*, e aquelle um enthusiasta partidario das nossas ideias, residente no Rio.

Agradecidos.

Pessoa procurada — Matilde Merelo deseja saber do paradeiro de seu cunhado Rozendo Galdeano, que suppõe encontrar-se pelos lados de Campo Largo.

Qualquer informação a respeito poderá ser dirigida para a rua Anna Nery, 33.

Declarações de solidariedade

Amigos da *Lanterna*:

Muito tardamente recebo a *Lanterna* e é por isto que só agora posso enviar meus calorosos applausos, meus cordiaes abraços pelo grande triumpho obtido com a absolvição da chimerica Itala-Maria Fonte-Luiza.

Será possivel que agora os Pinheiros não tomem vergonha?

Belém, 18 de março de 1912 — Octaviano de Bastos.

A «Lanterna» em Victoria

As pessoas residentes em Victoria, Espirito Santo, que desejarem assignar a *Lanterna*, poderão entender-se com o nosso amigo José Comesanha, á rua da Alfandega, 11.

A "Lanterna" em Minas

IBERTIOGA

Venho por meio da presente trazer ao conhecimento dos numerosos assignantes, apreciadores e admiradores da muito conceituada folha *A Lanterna*, a chronica aliás interessante e merecedora de alguns momentos de attenção dum monsenhor mettido a sêbo, namorador de moças, mocinhas, senhoras casadas e viuvas novas.

Este sotaina reside num pequeno, mas civilizado arraial do districto de Barbacena.

E' todo vaidoso e cheio de prosa, usa pince nez escuro para com mais vantagem encobrir as suas maldades, immoralidades e hypocrisia.

Já ha muito vive elle essa vida regalada e repleta de conquistas e colloquios amorosos, sem que pessoa alguma pensasse em incommoda-lo, não sei se por motivo de mêdo das excommunhões ou coisa parecida, de que tanto os tonsurados falam. O que é certo é que o poderoso e santo monsenhor de uma figa continúa fazendo beneficios... ás moças, casadas e ás viuvas velhas, que elle presentêa com grandes rosarios e bentinhos, e manda que ellas devem rezar para se salvarem das grandes fogueiras do Inferno. Mas os seus escandalos vão-se repetindo quasi que diariamente, e eu acho bem conveniente ser um pouco hereje e, por meio de algumas correspondencias na *Lanterna*, ir mostrando a sua corôa e fazendo com que todos o conheçam e fiquem certos das suas bandalheiras.

Como disse, este celebre bandalho tem innumeros, immoraes e vergonhosos escandalos, e faz as suas conquistas em plena luz do dia, mesmo no coração do modesto arraial que parochía.

Ouvi ha pouco da grande e porca bocca do referido monsenhor estas palavras: «Tenho agora uma das minhas conquistadas que é uma verdadeira belleza, e bôa para tudo... Acho que se o nosso amor continuar como vai, eu não tenho outro remedio se não fazer presente da minha protectora batina ao bispo, porém, ao mesmo tempo, receio a excommunhão».

Ora, é muito natural que um fanatico analphabeto tenha medo de ser excommungado, mas com o que absolutamente eu não posso conformar-me é que um homem, que parece ser preparado como o monsenhor, receie ser encommungado pelo negro chefe da clericanalha destes lados, já conhecido pelos leitores da *Lanterna*.

A meu ver o roupeta já fez o que tinha de fazer com a sua querida, e agora está procurando desculpa para poder descartar-se, pois um monsenhor deve estar bem perto do paraizo, portanto eu creio que não deverá temer as chammas do inferno!

Ao monsenhor eu peço para não continuar enganando a pobre e deshonrada moça a quem promettera casamento no dia 19 de fevereiro passado, e no emtanto até hoje não providenciou sobre tal casamento com a linda menina sua predilecta para os gosos da vida amorosa.

Creio que depois do serviço feito e acabado como está, o nosso monsenhor não terá coragem para desprezar a sua nojenta, immunda e sebosa batina para casar-se. A moça, não sei porque, mudou-se para Barbacena, esbarrando primeiro nuns *ilhéos*.

O padre, para não despertar a curiosidade do povo do arraial, disse: Eu tenho que celebrar uma missa amanhã sem falta na capella filial, e por isso necessito sair muito cedo. Pensava elle que ninguem o visse sair e lhe seguisse os passos. Viram porém que em capella nenhuma foi elle rezar missa, tratou foi de procurar um geitinho para gozar as suas costumadas penitencias... junto da sua amada, e providenciar sobre o embarque da mesma.

Pessoa que o seguio teve occasião de aprecia-lo quando elle todo escorrido e molhado de fetido suor chegou em Ilheos.

A sua amada, muito chorosa, enxugava-lhe o suor e dizia: «Coitado! como está fatigado o meu sempre querido monsenhor!»

Nas mãos da menina foi visto um postal todo perfumado e cheio de palavras doces, amorosas e floreadas, esperançosas mesmo; nessa occasião estava ella conversando com uma amiga, e disse-lhe: «Ah! minha querida amiga... o povo está falando muito de mim com o monsenhor, mas o que hei de fazer, eu o amo e portanto podem falar quanto quizerem, que jámais me incommodarei, porque é verdade e creio que isso é honra para mim»!

Imagine, sr. redactor, este sotaina no lugar do papa, como daria um resultado magnifico para o futuro!

Estou cavando para conseguir um retrato deste bandido para mandar-lhe e prometto continuar com a minha correspondencia.

Agradecido, etc.

Chico terrivel.

Março de 912.

Vida operaria

EM SOROCABA

União Operaria — Na séde desta associação foi realizada sabbado passado uma grande reunião, na qual trataram sobre a solidariedade que devem prestar aos g vista desta capital.

Depois de falarem diversos oradores, foi approvada uma moção de solidariedade á classe de sapateiros e dos operarios das fabricas de tecidos actualmente em greve.

Na reunião reinou grande enthusiasmo.

EM TATUHY

União Operaria — Nesta localidade do interior, situada na linha sorocabana, os operarios começam a comprehender os seus direitos, pois a sua situação não é melhor da dos operarios de outras partes.

Por iniciativa e de accordo com operarios de lá, a União Operaria de Sorocaba fez com que domingo passado fosse fundada a «União Operaria de Tatuhy», baseada na luta de classe, pois os operarios tendo interesse oppostos aos do patronato, tem que se defender e agir directamente.

Para animar os operarios desta cidade, foi realizada antes da fundação da União, uma conferencia pelo dr. Passos Cunha, demonstrando com bons argumentos a necessidade que têm o operarios de se unirem para a defesa dos seus interesses.

A reunião realizou-se no theatro com uma concorrencia extraordinaria e bem animada. Foi nomeado o secretario geral, o thesoureiro e um delegado junto a União de Sorocaba.

Segundo as noticias dos diarios, o dr. Passos Cunha vai ser processado pela policia, porque, diz ella, foi áquella cidade insuflar os operarios á greve.

Desta vez o dr. Passos Cunha não escapa, vai mesmo para o xilindró do Belemzinho...

EM S. PAULO

Movimento dos tecelões — Os operarios das fabricas «Mariangela» e «Sant' Anna» continuam em greve e nas successivas reuniões que os grevistas têem realizado predominou sempre a maior animação e o firme proposito de só voltarem ao trabalho depois de satisfeitas as suas reclamações.

Hoje de manhã realizar-se-á uma reunião dos grevistas das fabricas de tecidos para tratar de assumptos referentes ao movimento.

Continuai unidos e solidarios, que a razão e a justiça está comvosco!

Movimento dos sapateiros — Até a hora em que escrevemos estas notas a greve continua no mesmo pé. Os grevistas estão firmes e com o decidido proposito de só voltar ao trabalho depois dos patrões accederem ás suas justas petições.

Quinta-feira a directoria da fabrica Clarck pediu que fosse uma commissão se entender com ella; depois da entrevista, na qual nada ficou resolvido, a directoria disse que fossem sexta-feira de tarde buscar a resposta.

Entre os operarios do Clark, assim como nas das demais fabrica que estão paradas pelo *loc-kout* declarado pelos patrões, reina solidariedade e grande enthusiasmo.

Amanhã, domingo, haverá reunião geral da classe

—

Na quinta-feira proxima, realizar-se-á, no salão Alhambra um espectaculo em beneficio dos grevistas, sendo levado á scena a peça o *Erro Judicial*.

Os graphicos — A classe dos graphicos reune-se amanhã, domingo, ás 9 horas da manhã, no Salão Italia Fausto, sito á rua Florencio de Abreu, 29, para constituirem difinitivamente a sua sociedade.

— O pessoal da Casa Weisflog agita-se, e provavelmente declarar-se-á em greve.

A "Lanterna" em Santa Catharina

Os frades — E' de lastimar que, de todas as nações cultas, que fecharam suas portas, impedindo a entrada dos frades devassos e freiras expulsos da heroica nação portugueza, só e só o Brasil não enxergasse o perigo a que se expunha abrindo os braços para receber tal gente, sem consultar a Historia do Brasil e de outras nações que attestam claramente a discordia, o atraso, o embrutecimento intellectual que causa a todas as boas instituições essa praga maldita, essa peste negra. Têm sempre acarretado males enormes sobre as nações onde se levantam os antros negros como suas consciencias, os taes chamados conventos e collegios jesuiticos, verdadeiros bordeis que recolhem os fructos do infamante confessionario!

Com immenso pezar sou forçado a dizer: — de todos os Estados da União o meu infeliz Estado, Santa Catharina, é o que mais empestado se acha dessa horda de vandalos.

Aqui, um governador fanatico, escravo dos jesuitas, implantou a primeira machina destruidora do progresso intellectual: — o collegio clerical.

Após o assentamento dessa machina, successivamente vieram actos não menos corrosivos: 50:000$000 tirados das arcas do thesouro estadual, onde se guarda o suor do povo, que paga impostos para ter estradas e escolas leigas, dados de presente ao Vaticano, afim deste nomear um bispo allemão para Florianopolis!

Depois, dá-se uma subvenção ás freiras de Nova Trento.

Depois, equipara se um collegio de freiras, na capital, á Escola Normal leiga, quando naquelle collegio de freiras as alumnas só aprendem a rezar e a representar, em theatros religiosos, papeis de santos e santas milagrosos!

Ao que parece, o governador do meu infeliz Estado não tem na estante de seu gabinete, ou sobre a mesa de trabalho, um só exemplar da Constituição Federal, porquanto se o tivesse não procederia de um modo tão incorrecto e contrario ao que estatue o art. 72 § 7º da Constituição Federal.

O palacio do governador assemelha-se mais a um convento de frades e jesuitas, pela constante frequencia de conferencias e visitas de frades e do bispo, do que a um palacio de governo leigo.

A Constituição Brasileira assim se expressa no § 7.º do art. 72:

«Nenhum culto ou igreja gosará de subvenção official, nem terá relações de dependencia, ou alliança, com o governo da União, ou o dos Estados.»

Mas o governador deste infeliz Estado, instruido desde tenra idade no antro escuro das superstições, das rezas, dos jejuns, da dispensa para comer carne ás sexta-feiras, de indulgencias, de milagres de freiras virgens adquirirem leite em seus seios, mediante rogos a Deus, para aleitarem creanças apparecidas mysteriosamente nos conventos; do inferno com suas fogueiras para assar os herejes que não acreditarem nas palavras santas do frade ou jesuita — não tem a comprehensão precisa para enxergar que lhe é vedado fazer o que tem feito pela seita catholica — apresentando-se em todos os actos religiosos na qualidade official de governo, e cedendo gratuitamente a musica do Corpo de Segurança para tocar em todas as procissões e festas da seita catholica, quer nas igrejas, quer nos conventos de freiras e frades, e «otras cositas más»...

Um cartão do bispo allemão, pedindo emprego para o seu afilhado Fulano, faz que seja preterido logo aquelle a quem de direito cabia a nomeação!

Para o grupo escolar leigo, ultimamente aberto nesta capital, ainda foi nomeado um jesuita portuguez para lente.

Amanhã entrará um frade allemão, depois mais outro, e assim em poucos mezes teremos um segundo gymnasio religioso, sustentado a expensas do cofre do Estado que a Constituição prohibe que se lhe ensine o padre nosso!

Um catharinense.

Santa Catharina, 4 — 4 — 912.

EM PEDERNEIRAS

Padre Don Juan em apuros

que dá ás de villa Diogo para escapar ás ameaças de uma sua victima

O nosso correspondente de Pederneiras continúa neste numero a tratar do escandalo provocado naquella cidade pelo celebre padre Carlos Bicudo. Como já dissemos, sentimos não podermos actualmente mandar um nosso companheiro a Pederneiras, para syndicar mais de perto do caso.

Contamos porém que o nosso amigo que nos tem dado as informações que temos publicado continue a nos enviar as suas notas.

Sr. redactor da *Lanterna*.

Hontem dirigi a essa illustrada redacção uma carta, em continuação ás noticias sobre os acontecimentos desenrolados nesta cidade, dos quaes é protagonista o celebre padre Carlos Pereira Bicudo, vigario desta parochia, e já hoje, para dar uma informação regular aos muitos leitores da *Lanterna* endereço-lhe esta, chamando particularmente a attenção de s. s., pois os factos vão tomando caracter cada vez mais grave.

Aqui ha um moço que professa idéas socialistas e anticlericaes, que é muito conhecido aqui pelos seus escriptos nos jornaes socialistas, mormente no semanario dessa capital o *Pungolo*.

Refiro-me a Luiz de Abrew, que, por causa de suas idéas, é aqui muito odiado, principalmente pelos politicos e clericaes.

Entretanto já ouvi dizer que Luiz de Abrew está na imminencia de ser preso e até mesmo esp[illegible]cado, por ter a leviandade [illegible] ido ao hotel central ouvir a narração dos factos da propria victima do padre seductor.

Depois de ter ouvido no hotel central Anna Pereira, Luiz de Abrew, em uma casa de commercio, narrava em tom de discurso a triste condição da infeliz mulher que, dizia elle, achava-se na mais triste condição.

Vejamos como elle descreve as coisas:

— Diz que, uma vez em presença de Anna Pereira, pediu-lhe que com toda sinceridade lhe narrasse os factos, os quaes são da seguinte forma:

Quando vigario em Jahú, o infame Bicudo conheceu-a, ainda bem joven e já viuva. Tratou logo o seductor de captar as sympathias da infeliz mulher, a ponto de leval-a para sua casa, fazendo della sua amante.

Diz ella que o padre lhe dedicava um verdadeiro amor, que ella retribuia com sinceridade.

Anna Pereira não é brasileira, é européa, mas teve de assignar-se Pereira e dizer-se brasileira, por instigação do padre, isso para em S. Paulo, Mocóca e outros lugares por onde andaram ser tomada por irmã do padre e assim legitimar-se em publico.

E' assim que indo a Europa, a chamado de sua familia, Anna Pereira lutou com difficuldades perante sua familia, afim de explicar sua condição no Brasil depois de sua viuvez; seus parentes chegaram mesmo a fazer umas interrogações que ella explicou como pôde.

A familia, interessando-se por ella, procurou casal-a, chegando mesmo a apresentar-lhe um moço para contractar o casamento, ao que ella rejeitou dizendo não lhe convir o casamento, o que muito desgostou a seus parentes.

Nessa occasião, ella escreveu ao padre Bicudo uma carta, narrando lhe as coisas como estavam, pedindo a elle dizer-lhe com franqueza se estava disposto a tel-a como verdadeira esposa, vivendo com ella como verdadeiro casado, ao que o padre lhe respondeu que podia contar certo com sua palavra de honra, que viveria com ella como se casados fossem.

Nessa carta o seductor pedia a Anna Pereira que não se casasse; que voltasse para o Brasil e viesse morar com elle, prestando os mais solennes juramentos em nome de Deus, Christo e a Virgem, que nunca mais se separaria della.

Tantos foram os juramentos, que a infeliz Anna Pereira apressou a viagem, veiu para o Brasil em busca de seu legitimo esposo!

Sendo Bicudo um homem demasiadamente devasso, cumulo de todos os vicios, não póde ter permanencia em parte alguma; andava sempre ora num lugar, ora noutro, explorando os catholicos, ganhando dinheiro ora na igreja ora no jogo, em que é profissional; e para melhor enganar a humanidade e explorar a industria religiosa, alugou casa em S. Paulo, onde collocou Anna Pereira, e onde ia sempre vel-a.

Ultimamente, sendo vigario do Avaré, lá seduziu outra infeliz moça com quem vive e já tem dois filhos.

Dahi começa o martyrio da infeliz Anna Pereira!

Aos poucos o infame padre foi-se afastando della, até que por fim a abandonou completamente, com uma infeliz creança, filha do infame seductor, em estado de completa miseria!

Seria demasiado longo descrever toda a narração dos factos feitos por Anna Pereira, como tambem das numerosas cartas em que o padre satyro expandia o seu sentimentalismo amoroso e, inda mais, sua inspiração poetica!

Oh! nisso o nosso reverendo é de uma fertilidade espantosa!

Em uma dessas cartas o nosso santarrão descreve como celebrou a missa de Corpus-Christi, em que diz que, "*ao consagrar a hostia, elevou sua prece a Deus, pedindo a Jesus Christo e á Santa Virgem por ella e tambem por elle, para que um dia pudessem viver juntos e felizes*"!...

O nosso reverendo descreve em termos verdadeiramente poeticos os seus soffrimentos verdadeiramente fantasticos, pondo-se fantasticamente em innumeras difficuldades, allegando triste estado de pobreza, isso unicamente para livrar-se da infeliz mulher que havia enganado, atirado á miseria e á fome, visto que, nessa occasião, o satyro já tinha outro amor, precisava agradar a outra, a infeliz Florentina, com quem agora vive e já tem filhos, que, tambem, por sua vez, será ludibriada, abandonada e atirada á miseria...

Nos ultimos dias do mez de abril p. passado, Anna Pereira chegou a esta cidade em procura do seductor, para pedir lhe meios de subsistencia para si e para uma pobre creança, fructo de seu amor com o reverendo seductor; este, presentindo sua chegada, foge pelo fundo do quintal, precipita-se sobre uma cerca, em vertiginosa fuga, escapando assim de uma pobre mulher que lhe pareceu a estatua do remorso!

Entrando na casa, Anna Pereira depara com a infeliz Florentina que, por sua vez, sendo informada dos soffrimentos e infortunios da infeliz Anna, vendo e comprehendendo o triste futuro que a esperava, mostrou-se muito condoída e verdadeiramente triste porque, tambem ella, se achava na mesma condição.

Quando estavam, as duas victimas, encarando sua triste condição, eis que entra na casa o chefe politico local intimando Anna Pereira a sair da casa, dizendo que não consentia que nada dissesse contra o padre Bicudo, pois que o padre era seu amigo, ao que Anna Pereira respondeu: — "*se o padre Bicudo é seu amigo, eu tenho a dizer-lhe que o padre Bicudo é meu marido*".

Cedendo ás imposições do chefe politico, Anna Pereira veiu para casa deste e da casa deste para o hotel Central, onde se acha.

Porque motivo os politicos, mormente os politiqueiros do interior, prestam sempre apoio a estes bandidos de batina?

Eis a razão porque á ultima hora os politicos mandaram espalhar a noticia de que o padre tinha sido suspenso e que, por isso, ia casar-se civilmente.

Isto não é mais — segundo me parece — do que uma patota, para embair a opinião publica, pois que já se fala aqui na organização de um partido de opposição local, consequencia dos ultimos acontecimentos.

Não creio nisso, porque um homem viciado, ambicioso como é o padre Bicudo, não deixará, de forma alguma, a industria clerical, a mais productiva do Brasil.

Não é certo o casamento do padre, porque elle conta com a protecção escandalosa do bispo de Botucatú, mancommunado com os politicos daqui, tanto assim que este bispo descarado já mandou aqui um frade fanatizador para aplainar o terreno afim de acalmar a opinião publica excitada e indignada pelos ultimos factos.

Esse frade é um tal frei Angelo do Bom Conselho. Em outra carta tratarei das lamurias deste patife, como ainda da historia do reverendo Bicudo — que, nos estreitos limites desta carta, me é impossivel descrever.

Por isso torno a pedir á illma. redacção da *Lanterna* mandar aqui uma pessoa que, com mais capacidade e habilidade do que eu, possa fazer uma descripção dos acontecimentos, que daria para encher um volume, para deleite de seus innumeros leitores.

Peço á illustre redacção da *Lanterna* dar um passo em favor da infeliz Anna Pereira, já procurada pela policia, que ao serviço dos politicos protectores do padre quer, a todo transe, que ella se retire para que o padre possa continuar aqui tranquillamente. Para isso, estão dispostos á perseguição, a todas as infamias!

Continuarei.

Sempre de V. S. etc.

Musulino.

Pederneiras, 5 de maio de 1912.

Bilhetes e recados

Ponta Grossa — P. C.: Foram enviados pacotes á pessoa indicada. Escrever-te-emos por estes dias. Saude!

Araguary — A. N. de C. F.: Foi satisfeito o seu pedido. Agradecidos pelas palavras de animação que nos dirige. Saudações.

Baurú — F. R.: Bravos! Vocês desta vez lavraram um tento com a iniciativa que tomaram. Saudações aos companheiros.

Victoria — J. C.: Encoraça-te e enfrenta os bichos... Não te surpreendas com essas santas proesas, que ainda havemos de apreciar *muchas cositas mas*. Deves estar satisfeitos com tanta distincção... Podes ser processado sim... pelo barbado lá de cima. Saude!

Pederneiras — Musulino: Cremos que já é tempo do amigo deixar os montes e o alcabuz e vir dar-se a conhecer. Não appareceu no n. anterior por ter chegado tarde. Continue. Saudações.

Ponta Grossa — F. P.: Recebemos o original, que publicaremos. Procuraremos evitar a demora. Saudações.

Bello Horizonte — Sacy: E' pena que o amigo não tenha podido tratar de todos os factos mencionados em sua carta. Gostamos de ver esses grandes santos no pellourinho. Saudações.

Sorocaba — J. Revier: Ainda desta vez não foi possivel. Estava fora. Saudações.

Belém — A. da C. C.: Recebemos os 85$ da cobrança dahi. Registamos o novo assignante, modificando e riscando os endereços indicados. Transmitti o recado ao Frigerio, que te escreverá. *La Protesta* continúa a apparecer regularmente, apesar de toda a furia reaccionaria da jesuitada que tyranniza a Argentina. Enviar-te-ei o seu endereço. Não te deves desalentar, pois no começo as difficuldades a vencer são mesmo grandes pela falta de elementos activos, mas depois sempre surgem outros combatentes. E a nossa acção deve de preferencia desenvolver-se justamente onde a propaganda emancipadora é ainda pouco conhecida. Saudações aos companheiros dessa cidade.

Pelotas — Ganganelli 22: Provoca-nos enthusiasmo essa actividade na propaganda, que tão bons resultados já vai dando. Oxalá esse despertar se estenda o mais breve possivel por todo o Brasil. Recebemos e agradecemos o exemplar da *Tribuna* que traz o vosso empolgante protesto. Saudações.

Uberaba — A. L.: Alegrou-nos a noticia do seu restabelecimento. Fará o favor de no-lo enviar logo que possa, pois só contamos com o pão nosso de cada dia... Saudações.

Rio — Dr. V. de Carvalho: Agradecemos-lhe o valioso offerecimento que nos faz. Muito poderia fazer o amigo pela Liga, que tão necessaria é ahi para o desenvolvimento da nossa causa. Tambem nós julgamos ser uma obra urgente estender a nossa propaganda pelo norte do paiz, tão sugeito á praga negra. Saudações.

S. João d'El-Rey — J. Pinto da Fonseca: Recebemos os 6$ do assignante indicado. Remetteremos o recibo. Não será por esse motivo que lhe suspenderemos a remessa. Lembrar-se-á do jornal logo que possa. Saudações.

Conceição de Monte Alegre — C. C.: Recebemos os 10$ de sua assignatura. Remettemos os folhetos e o recibo. E' essa, realmente, a situação: emquanto a padralhada vive folgadamente, na abundancia sem nada fazer, o povo trabalhador mata-se a trabalhar para não ter muitas vezes nem com que matar a fome. Mas isto ha-de ter um fim. Saudações.

S. Carlos — J. J.: Fizemos a modificação indicada. Remetter-nos-á logo que possa. Saudações.

Rio — N. Chatila: Já aqui esteve o representante do vosso valoroso jornal. Prestamos-lhe todas as informações que desejava. Saudações.

Poços de Caldas — A. F.: Já lhe remettemos a carta que aqui tinhamos. O jornal continuará a lhe ser enviado. Saudações.

Arassuahy — J. B.: Com a maior satisfação acceitamos o seu offerecimento. Para que a *Lanterna* consiga levar a nossa propaganda por todos os recantos deste vasto paiz, precisa do apoio decidido de todos os seus amigos. Remettemos-lhe pacotes para a propaganda. Saudações.

Campinas — F. M.: Recebemos o seu interessante desenho, que será publicado em outro numero. Saudações.

S. Sebastião dos Correntes — A. A. B: O jornal tem sido como sempre expedido regularmente para os assignantes dahi. Os amigos devem averiguar se a irregularidade parte da agencia do Serro para providenciarmos. Que os ratões de igrejas não se assustem com tão pouca coisa, pois ainda temos muito panno para a manga. D. Pedro Heredia voltará ao nosso pellourinho, estejam certos. Saudações a todos.

Rio — D. M.: Receba o nosso abraço de boa vinda. Dia virá em que elles nos hão de pagar tudo por junto.

Sail (Portugal) — A. J. de A.: A direcção do Neno figura na *Lanterna*. A elle poderás enviar a importancia da tua assignatura e os dados de que falas. Não é sem razão que elles esbravejam. Não somos nós os perturbadores da... sua degestão? Saudações.

Therezina — Dr. Abdias Neves: Demonstrações de apoio de combatentes como o amigo, enche-nos de enthusiasmo, alentando-nos para a luta. Muito lhe agradecemos a offerta com que distingue a nossa folha. Aguardamos com interesse a sua preciosa collaboração. Saudações aos valentes propagandistas dessa capital.

Rio — Ex-padre: Os amigos da Liga Anticlerical têm necessidade urgente de falar-lhe. Poderia indicar-lhes o seu endereço, dirigindo-se á sua séde provisoria, á rua General Camara, 335. Saudações de todos os que aqui lutam.

Rio — S. Barbosa: Estamos preparando as listas, que seguirão logo. Saudações a todos.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso

Numeros atrasados

Dispomos de alguns pacotes de numeros atrasados da *Lanterna* para serem distribuidos gratuitamente.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3$000 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2$500. Pelo correio, 3$000.

C. E. S. "Francisco Ferrer"

O Circulo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer, desta capital, pede ás administrações de revistas e jornaes de propaganda que lhe enviem um exemplar de cada numero para a sua sala de leitura.

O endereço é o seguinte: C. E. S. "Francisco Ferrer", rua da Mooca, 132 — S. Paulo.

A "Lanterna" em Pelotas

Na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circumvizinhas, é agente da nossa folha o sr. José Maria Bento, residente á rua Andrade Neves, 558, e que está autorizado a tratar ali de tudo quanto e relaciona com a *Lanterna*.

Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residencia, nos communiquem a primitiva residencia.

A venda em nossa redacção:

Historia da Lucta entre a Sciencia e a Theologia

POR

A. D. White

Antigo reitor e professor de Historia da Universidade de Cornell e embaixador norte-americano em Berlim.

Versão portugueza de

Carlos Babo e Manuel Bravo

Volume de bom formato (22 por 16), de 500 paginas, papel assetinado, edição esmerada, brochado com capa illustrada.

Preço . . . 3$000

E' uma das mais notaveis obras sobre o assumpto, tratado com seriedade de propositos, profundeza de vistas, vasta erudição e criterio verdadeiramente scientifico. Tem sido traduzida em varias linguas, sendo a versão portugueza feita com conscienciosa fidelidade, prefaciada e annotada com competencia. E um livro emfim que se pode conselhar afoitamente.

"A Velhice do Padre Eterno"

Temos novamente a venda, a 1$500 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

FRANCISCO FERRER

Espledida revista racionalista illustrada, de Buenos Aires.

Vende-se, a 300 réis o exemplar, em nossa redacção e na agencia de jornaes da rua 15 de Novembro, 37.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).
El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordeix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.
Viaje al Infierno, por José Nakens.
La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.
Retratos de José Nakens, 1$500 réis.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Alnotto & Irmão.

Cataguazes, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1 — A.

Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da

Confederação Geral do Trabalho

10, BOULEVARD MAGENTA, PARIS — X

Ano	31 francos
6 mezes . . .	18.50
3 mezes . . .	9,25

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado, está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

Encontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37.

AGENCIA DE JORNAES, rua S. Caetano, o.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 234.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5.

ENGRAXATE, Largo da Sé, 4.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . . $200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* . . . $200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . . $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico* . . . $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . . 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . . . 1$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi . . . $800
Religião e Evolução, E. Haeckel . . . 1$500
Sociologia Fundamental, Benteo . . . 5$000
Dôr Universal, Faure . . . 1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu* . . . $200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Poblacion* . . . $100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia* . . . $100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales* . . . $100
André Girard, *Educacion y Autoridad Paternal* . . . $100

EM ITALIANO

Dottor Nicolò Converti, *Che cosa è il Socialismo* . . . $100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . 1$500
Almanco Libertario illustrado 1909 . . . $300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine, . . . $300
L'Esprit de Révolte " . . . $200
René Chaughi, *La Femme Esclave* . . . $100
Jean Grave, *L'Entente pour l'action* . . . $200
E'lisée Reclus, *Amon Frère le Paysan* . . . $200
Jean Grave, *Si j'avais à parler aux Electeurs* . . . $100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne* . . . $200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution* . . . $200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . . . $100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . . . $300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière* . . . $200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme* . . . $300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique* . . . $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière* . . . $100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat* . . . $100
» » *La Morale Anarchiste* . . . $200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage* . . . $100
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale* . . . $100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics* . . . $100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien* . . . $100
Les temps Nouveaux, *Contre la Guerre* . . . $200

Só podemos attender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio.

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate).

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 130 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 113 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1.º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (engraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (engraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matera — V. Izabel.

Rua Maris e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E, não uma parodia, que poderia caír no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidares e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:

Um cento. . . . . 6$000
Avulso. . . . . . 200 réis

Os pedidos de folhetos acampanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.